

52 - Osteopatia crânio-mandibular. Relato de caso

Gonçalves, S.¹; Pinto, C.F.²;
Oliveira, S.M.³; Rocha, A.D.⁴

1- Médica Veterinária do Setor de Clínica Médica do Hospital Veterinário da Universidade Santo Amaro e pós-graduanda do Setor de Cirurgia da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo, São Paulo-SP

2- Médica Veterinária Residente do Setor de Clínica Médica do Hospital Veterinário da Universidade Santo Amaro, São Paulo-SP

3- Professora Assistente da Disciplina de Diagnóstico por Imagem a Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Santo Amaro, São Paulo-SP

4- Médica Veterinária Residente do Setor de Diagnóstico por Imagem do Hospital Veterinário da Universidade Santo Amaro, São Paulo-SP

A osteopatia crânio mandibular, também denominada osteopatia temporomandibular ou periostite mandibular, é um distúrbio não neoplásico caracterizado por proliferação óssea que afeta quase que, exclusivamente, os ossos do crânio e mandíbula, principalmente bulas timpânicas e ossos frontal, parietal e maxilar podendo ocasionar anquilose da articulação temporomandibular. As raças predispostas são West Highland White Terrier, Scottish e Cain Terrier com provável etiologia genética. Os principais sinais e sintomas clínicos são dificuldade de apreensão dos alimentos, edema mandibular, dor e febre demonstrados entre 3 e 8 meses de idade. Relata-se a ocorrência de 3 cães, 2 fêmeas e 1 macho, de uma mesma ninhada, 2 meses de idade, da raça Scottish Terrier, que apresentavam dor e dificuldade na apreensão de alimentos. Ao exame físico, os cães demonstravam relutância à manipulação da mandíbula e má oclusão dentária. O exame radiográfico revelou espessamento ósseo dos ramos mandibulares, ossos frontais, parietais, occipital e bulas timpânicas compatíveis com osteopatia crânio mandibular. Convém referir a presença de um filhote macho saudável, pertencente à mesma ninhada, dentro dos padrões de normalidade clínica e radiográfica auxiliando na determinação do diagnóstico de forma comparativa. O tratamento preconizado em literatura é baseado na utilização de anti-inflamatórios não esteroidais, e em casos mais severos, corticóides para alívio dos sintomas. Enfatiza-se a importância da documentação deste caso por ser uma enfermidade de provável caráter genético em raças emergentes na clínica de pequenos animais.

53 - Caracterização clínica dos cães diabéticos atendidos no Hovet Unisa

Cury, C.M.¹; Jericó, M.M.²

1- Aluno de iniciação científica do Hospital Veterinário da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Santo Amaro, São Paulo-SP

2- Professor da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Santo Amaro, Universidade Bandeirantes e Anhembi-Morumbi, São Paulo-SP

A diabetes mellitus, doença endócrina freqüente na espécie canina, caracteriza-se pelo comprometimento da função das células b das ilhotas de Langerhans do pâncreas, levando a uma perda progressiva e, eventualmente, completa da secreção de insulina. Objetivou-se a avaliação dos aspectos clínicos de cães diabéticos, ainda não submetidos à insulino-terapia, identificados a partir de valores de glicemia (>180mg/dl) e da presença de glicosúria. No período de janeiro de 2002 a abril de 2003, foram atendidos no Hovet-Unisa 22 cães, sendo 18 fêmeas (81.8%) e quatro machos (18.2%), dentre eles, nove cães sem raça definida (40.9%), sete poodles (31.8%), um pinscher (4.54%), um pastor alemão (4.54%), um rottweiler (4.54%), um fila brasileiro (4.54%), um coker spaniel (4.54%) e um fox paulistinha (4.54%). A variação de idade foi de 6 a 13 anos. Esses animais foram avaliados no que tange às alterações de anamnese, exame físico, hemograma, urinálise (realizada por cistocentese em 18 dos cães selecionados) e painel bioquímico. Na anamnese dos 22 cães atendidos, 21 apresentaram emagrecimento (95.4%), 20 cães demonstraram polidipsia e poliúria (90.9%), onze tinham polifagia (50%), três cães exibiram hiporexia e emese (13.6%), dois tinham

anorexia (9%) e dois animais eram gonadectomizados (9%). No exame físico, onze cães exibiram catarata (50%), onze apresentaram nódulos ou tumores mamários (50%), dez animais estavam desidratados (45.4%) e seis cães apresentaram disqueratoses (27.2%). Em relação a urinalise, foi constatado que 18 cães tinham bacteriúria (100%), onze exibiram cetonúria (61.1%), dez demonstraram cristalúria (55.5%) e oito cães tinham proteinúria (44.4%). Na mensuração da bioquímica sérica, onze cães apresentaram hipercolesterolemia (57.8%), oito animais demonstraram aumento dos níveis séricos de transaminase pirúvica (ALT) e triglicerídeos (42.1%) e dois cães tinham valores elevados de fosfatase alcalina (10.25%). Através dos dados obtidos na população de animais estudada, foi possível concluir que a maioria dos cães diabéticos (mais de 50% deles), atendidos no Hovet-Unisa, era constituída por fêmeas, não gonadectomizadas, com alterações clínicas representadas por emagrecimento, polidipsia, poliúria, polifagia, nódulos ou tumores mamários, e resultados de exames complementares caracterizados por hipercolesterolemia, bacteriúria cetonúria, e cristalúria. Estas observações visam auxiliar a conduta clínica quando do primeiro atendimento do cão diabético.

54 - Estudo da longevidade de diferentes raças de cães na cidade de São Paulo

Bentubo, H¹; Cardoso, T.G.¹; Rocha, L.F.¹; Bondan, E.F.¹; Lallo, M.A.¹

1- Universidade Paulista (UNIP), São Paulo-SP

A idade é definida como um processo biológico complexo caracterizado pela redução da capacidade do indivíduo em manter a homeostasia, o que diminui sua viabilidade e aumenta a vulnerabilidade às doenças. Estudos revelam diferenças significativas na longevidade de cães de acordo com a raça, sendo que animais gigantes notadamente sobrevivem menos tempo que animais de raças pequenas. Outros fatores, tais como, genéticos, ambientais e nutricionais também se relacionam com o processo de envelhecimento. Faltam, no entanto, tais dados em relação à população canina no Brasil. O presente trabalho teve por objetivo avaliar a longevidade de cães de diversas raças na cidade de São Paulo, a fim de compreender suas relações com alguns dos prováveis fatores de risco. Proprietários de cães já falecidos foram submetidos a um questionário com perguntas objetivas sobre idade de óbito dos animais, causa da morte, o sexo, a raça e a presença de outros fatores relacionados à sobrevida. Ao final da pesquisa, foram utilizadas as informações obtidas de 550 questionários, os quais foram compilados e analisados estatisticamente. A idade média geral de sobrevivência de todos os animais incluídos na pesquisa foi de 6 anos, tendo o animal mais velho morrido aos 22 anos. Animais sem raça definida apresentaram sobrevida média de 6 anos e 4 meses, enquanto que animais de raça definida viveram, em média, 5 anos e 8 meses. Em ordem decrescente de longevidade, as 10 raças mais prevalentes foram – Pequínês (11 anos, n = 13), Poodle (9 anos e 4 meses, n = 56), Fox Paulistinha (9 anos e 2 meses, n = 19), Dachshund (8 anos e 5 meses, n = 23), Pastor Alemão (7 anos e 10 meses, n = 67), Husky Siberiano (7 anos e 7 meses, n = 11), Boxer (7 anos, n = 11), Lhasa Apso (6 anos e 10 meses, n = 23), Doberman (6 anos e 7 meses, n = 11) e Dog Alemão (5 anos e 7 meses, n = 13). Com relação ao sexo, observou-se que as fêmeas viveram mais (média de 6 anos e 5 meses) que os machos (média de 5 anos e 5 meses). Animais castrados viveram em média mais tempo que os não castrados, sendo a sobrevida das fêmeas e machos castrados de, respectivamente, 11 anos e 5 meses e 8 anos e 9 meses. Os animais foram agrupados em 4 categorias de acordo com seu peso – pequeno porte (até 9 kg), médio porte (9,5 a 22,5 kg), grande porte (23 a 40,5 kg) e gigantes (acima de 40,5 kg) e as médias de sobrevivência encontradas para cada classe foram, respectivamente, de 5 anos; 7 anos e 3 meses; 7 anos e 3 meses e 4 anos e 7 meses. De todos os animais investigados 10,72% morreram por causas naturais e 12,36% foram submetidos à eutanásia. Diferentes estados patológicos foram atribuídos à morte dos animais, sendo que as causas mais comumente observadas foram doenças infecciosas (23,1%), traumas (16,18%), neoplasias (11,45%), intoxicações